

FORTE ORANGE

ENCONTRADAS TRÊS MOEDAS DE OURO

Arqueólogos da UFPE encontraram na fortaleza, em Itamaracá, objetos do século 18. É a primeira vez que a equipe faz uma descoberta dessa natureza em mais de 30 anos

Três moedas de ouro do século 18 foram encontradas no Forte Orange, na ilha de Itamaracá, Grande Recife, por pesquisadores do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco. É a primeira vez que a equipe da UFPE faz uma descoberta dessa natureza, em mais de 30 anos de estudos arqueológicos.

Por segurança, as moedas foram transferidas para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). "Elas ficarão num cofre e só retornarão à ilha quando o museu do forte, em fase de projeto, estiver pronto", declarou a superintendente do Iphan, Letícia Bandeira de Mello.

O coordenador da pesquisa, Marcos Albuquerque, informou que as moedas são portuguesas e têm as mesmas inscrições, sendo duas de 1722 e uma de 1721. De um lado está gravada a cruz de Malta com quatro letras R e escrito em latim "com este signo vencerás". No outro lado aparece o nome de Dom João V, rei de Portugal e Algarve, com o número 4.000, que

pode ser valor da moeda.

"Vamos encaminhá-las a um numismata, para melhor identificação", disse. As moedas foram resgatadas na praça de armas do forte, no nível das demolições dos antigos quartéis holandeses. Marcos Albuquerque explicou que na época da dominação flamenga (1630-1654) os quartéis ficavam na praça de armas e não no lugar onde se encontram hoje.

Após a expulsão dos batavos, os vencedores ocuparam os quartéis, mas em 1760 os lusitanos derubaram as construções, numa grande reforma que deixou a fortificação com a característica atual. "As moedas poderiam estar guardadas em alguma parede do quartel ou podem ter caído do bolso de alguém durante a demolição", comenta o arqueólogo.

As escavações no forte, retomadas em outubro, deverão se estender até dezembro deste ano. O trabalho é realizado pela UFPE em parceria com a fundação holandesa Mowic, que trabalha com a preservação de monumentos construídos pela antiga Companhia das Índias Ocidentais. As des-

cobertas irão subsidiar o projeto de restauração da fortaleza.

Além das moedas de ouro, os pesquisadores resgataram cerca de cem mil fragmentos de cachimbo, louça, compasso de navegação (provavelmente), guarda-mão de espadas e outros. "Acharmos moedas de cobre francesas e da região da Frísia (Holanda), do mesmo período de ocupação flamenga, o que mostra a multiplicidade de origem da tropa", afirmou Marcos Albuquerque.

Ele encontrou indicadores da localização da porta holandesa do forte, que seria voltada para o Canal de Santa Cruz. "A fortificação holandesa tinha a forma externa parecida com a portuguesa, mas internamente a definição dos cômodos era outra." A configuração interna atual é portuguesa.

A equipe também identificou a formação geológica inicial do lugar onde foi construído o forte (antes da chegada dos holandeses), o nível de ocupação flamenga (fundação e resto de piso dos quartéis na praça de armas). "Estamos esclarecendo as dúvidas quanto à ocupação holandesa no forte."



FOTOS: CHICO PORTO/C



PRECIOSIDADE As moedas têm de um lado a cruz de Malta e do outro o nome do Dom João V, rei de Portugal. Ao lado, operários participam de escavações no forte

Auditório e museu vão ajudar a retratar domínio holandês

O projeto de restauração do Forte Orange prevê a construção de um auditório e um museu para exposição de peças arqueológicas, na entrada da edificação. Se for encontrado pelos arqueólogos, o fosso será reconstituído, mas não voltará a ter água. As laterais, situadas num plano superior, vão ser recompostas com terra e deverá ser plantada grama na praça de armas.

Na área interna funcionarão a parte administrativa e o museu de resgate da história da fortaleza, contando como se deram as ocupações nos períodos holandês e português. Por solicitação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), a área de acesso ao forte, entre o auditório e o museu, ficará descoberta, deixando à mostra os quartéis de entrada, que não chegaram a ser concluídos ou estão em ruínas.

O mapeamento de danos e o projeto básico de uso da fortificação foi realizado pela empresa Luciana Menezes, Consultoria e Projetos Ltda, por solicitação da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Universidade Federal de Pernambuco (Fape), que administra o forte. "O museu poderia ser, em parte, virtual, devido à proximidade do mar", diz o arquiteto José Luiz Mota Menezes.

Ele sugere que a pesquisa arqueológica seja direcionada para outros vestígios holandeses existentes em Itamaracá, no caminho para Vila Velha. São duas baterias fortificadas construídas pelos batavos provavelmente com tábua e terra, em área firme, sem intervenções portuguesas. "Essas baterias nunca foram investigadas e se elas tiverem sido feitas com taipa de pilão, o resíduo da terra seca pode estar lá", diz o arquiteto.

A restauração do Forte Orange, na avaliação de José Luiz, pode ser a âncora para um projeto maior de resgate histórico e atração turística para a ilha. "Depois de restaurada, a fortaleza deveria ser integrada a outras atrações, para aumentar o tempo de permanência dos visitantes em Itamaracá", declara. Além do resgate das baterias, ele propõe ações em Vila Velha, como a reconstrução do povoado fortificado com paliçada, da época dos holandeses.

"Havia uma fortificação portuguesa em Vila Velha que foi ampliada pelos flamengos. Outro projeto agregado (esse, com recursos já assegurados pela Fundação Mowic) seria o resgate dos caminhos lusos-brasileiros mantidos pelos holandeses. A trilha tem dois quilômetros, entre o forte e Vila Velha, e está prevista para ser inaugurada em março de 2003.